

15

ANAIS LEIRIENSES

estudos & documentos

DOSSIÊ

Concelhos do Sul
do Distrito de Leiria



Um Homem, Dois Séculos

Já não recordo como é que cheguei ao conhecimento com Fernando Miguel Bernardes (1929-2022). Sei, porém, que – decerto por indicação de alguém – me convidou a apresentar, a 27 de Maio de 2009, na Biblioteca Municipal das Galveias, em Lisboa, o seu livro de poemas *O Fio das Harpas*.

Uma sala bem cheia e eu sem conhecer ninguém. Tirei-me de cuidados, levava o texto escrito e disse-o como os meus professores me haviam ensinado a dizer, com pausas, silabando bem, sublinhando na entoação as passagens que se me afiguravam dignas de realce e tenho ideia de que até declamei alguns poemas. Passei no exame!

De tal modo que, daí prá frente, tive ensejo de acompanhar de perto a actividade literária de Fernando Miguel Bernardes. Assim, prefaciei, a seu convite, subordinando-me ao título «Um poema, uma espada!...», o seu *Notas de viagens – Ritmos e Mitos* (Mar da Palavra, Coimbra, 2015, p. 7-9), que não se cansava de elogiar (generosidade sua!), porque, dizia, a leitura do prefácio tinha de acompanhar a do livro. Mar da Palavra publicaria, em Novembro de 2016, *poemas ocasionais*, e também aí tive a honra de ver inserido prefácio meu, sob o título «Voz a ecoar pelas quebradas» (p. 9-11).

Deliciei-me com estes *poemas ocasionais* e não hesitei em escrever uma nota jornalística, a 10-12-2016, donde peço licença para retirar esta passagem:

«E se nos sentássemos ao relento com um sem-abrigo – se é que tínhamos coragem para conversar com ele... – que lhe ouviríamos dizer? E Fernando Miguel Bernardes, em singela pincelada diz tudo:

«Tu tens uma cama quente
a mim o que me ajuda
é um trago de aguardente!». (p. 14).

Não resisto a transcrever os dois tercetos do poema «parasitas», pela sublime acutilância que encerram, retrato fiel de como, na escolha certa das palavras, se desnuda um estado d'alma, se brada forte um grito de revolta:

vérmina – disse o doutor
ao ser pelo doente
consultado

vermes – disse o eleitor
 ao ser pelos que elegeu
 parasitado (p. 90).

Insistiu depois comigo para que solicitasse à Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto um exemplar de *Um Homem Dois Séculos*, por essa Associação dado à estampa em Dezembro de 2017. Não me chegou o livro a tempo de eu me poder dedicar à sua leitura antes de Fernando Miguel Bernardes partir. Pesa-me.

Um parêntesis

E, como docente, antes mesmo de escrever umas linhas sobre o conteúdo desse seu livro, permita-se-me – para melhor se compreender o Homem que nos deixou – que, em jeito

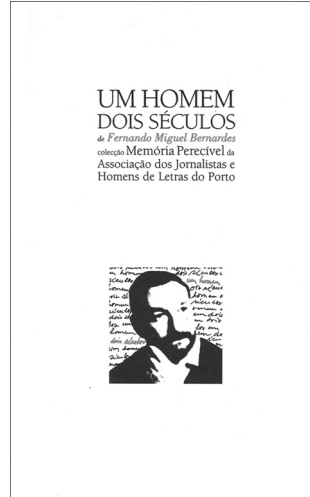
de parêntesis, transcreva duas respostas que deu a Luís Souto, do Instituto Politécnico de Setúbal, no âmbito da entrevista publicada, em Fevereiro de 2002 (atente-se: Fevereiro de **2002!**), no n.º 109 do jornal *A Página da Educação*.

É que Fernando Miguel Bernardes, para além de fazer «de cada poema uma espada!», também se dedicou a escrever para os mais novos: *Uma Estrela na Mão* (de 1982, que dedicou à filha Júlia Miguel, tem ilustrações de Jerónimo de Sousa); *A Menina da Trança que Dança* (1985, também com ilustrações de Jerónimo de Sousa); *O Grilo e o Seu Violão* (Livros Horizonte, 1987); *O Periquito Rebelde* (Mar da Palavra, 2012) – constituem algumas dessas obras saídas do seu estro.

Vamos, então, com a devida vénia, à entrevista:

– A colaboração entre escritores e professores é ainda muito pontual...

– Eu já a considero razoavelmente positiva e podia ser mais se a escola tivesse uma pequena verba para pagar ao escritor que lá vai. O escritor vai muitas vezes à escola em trabalho voluntário. Há escritores que não vão. Eu, se a escola não tem subsídio da Junta de Freguesia, nem da Câmara, nem do Ministério da Educação, pego no carro e vou às minhas custas. Às vezes ainda ofereço um livro. Mas não fico calado, digo



sempre às professoras que devem insistir com a Câmara, que têm de ter subsídios para chamar os escritores de literatura infantojuvenil. A literatura na escola primária é um grande investimento cultural. Deveria ser levada a sério pelo ministério mas com os sindicatos a puxar por isso.

– Há, no seio do sector educativo e da própria sociedade, uma discussão, que tende a tornar-se permanente, sobre as deficiências que a grande maioria dos nossos alunos revela no domínio da língua portuguesa. Há quem defenda que a língua se aprende lendo, fundamentalmente, os textos literários, as obras dos escritores...

– Ir aprendendo Português pela prática e pela leitura dos livros é bom, mas seria bom também que os professores chamassem mais a atenção para as matérias gramaticais. A gramática portuguesa devia ser dada a par da literatura. Porque não pode haver uma literatura sem uma gramática. Eu até achava bem que nas escolas portuguesas se estudasse o Latim!

O livro de 2017

Diga-se, antes de mais, que integra a colecção *Memória Percível*, onde estão representadas, de modo preferencial, obras que perpetuam memórias, para que elas não venham a perecer. Depois, estamos perante um desfiar de 44 ‘crónicas’, chamemos-lhe assim, porque reflectem as reacções que o autor foi tendo perante notícias e factos do seu quotidiano e do quotidiano do seu País. Escreve-se, aliás, logo na pág. 7:

«O autor acompanhou muitas vidas e situações durante boa parte dos séculos XX e XXI. Desse conteúdo, algum registo foi deixando, incluindo o presente volume. Alguns dos textos aqui dados a lume foram publicados em colunas de jornais, revistas literárias ou em livros. Na quase totalidade são inéditos.»

Não me enganarei, no entanto, se considerar basto sugestiva a epígrafe da p. 9. A obra não tem prefácio nem introdução e nada mais há, em relação a ela, que as linhas atrás copiadas. A epígrafe dá a versão livre e pitoresca de Damião de Góis de uma passagem do livro bíblico *Eclesiastes* (3, 16): «He um mal que vi debaixo do sol (...): que vi posto hum ignorante, e sandeu, em dignidade sublime, e os sabedores serem de todo desprezados, e aborrecidos.» O texto original é, de facto, menos saboroso: «Além disso, vi, debaixo do Sol, a injustiça ocupar o lugar do direito e a iniquidade ocupar o lugar da justiça.»

Não podia ter começado melhor o rol das narrativas: «A Guerra de Espanha e os flagelos da Santa». Miúda descrição do ambiente de uma procissão em

tempo da guerra de Espanha, feita pelo pai ao filho que, indiferente, só parece ter no olhar o espectro de poder ter que ir prá guerra: «sou eu que não quero ir para a guerra». «Não vai haver mais guerras nem acabar o mundo, filho, Deus é justo e a de Espanha há-de ser a última. E o que agora estrondeia são foguetes, acontece em todas as festas.» Quiséramos nós também, hoje, amigo Fernando, quiséramos nós e não apenas o menino António e seu pai em dia de procissão da Santa. E logo o menino, indiferente às «garridas e palradoras vendedeiras de bolos, de passas de figo e de uvas, postadas de um lado e outro da estradinha alcatroada, as sacas cheias e de bocas abertas em redondo a exibirem também as nozes, as romãs vermelhas de maduras, os amendoins, avelãs gradas e brilhantes», havia de reparar que também a Nossa Senhora chorava: «vês, deve ser das setas espetadas no peito» (p. 14).

Perdoar-se-me-á por me haver demorado na transcrição, de que, mesmo assim, só passei um bocadinho: é que, na verdade, se Fernando Miguel foi poeta, não menos prosador o foi, como, desde logo, este succulento naco de prosa o demonstra.

E até quase não apetece ir mais prá frente e voltar atrás à descrição, que sedutoras estão as romãs vermelhas de maduras... Mas não, há que prosseguir, pois logo o encontro entre o menino e o velhote de 'chapéu extravagante na cabeça', alentejano de Montoito (viria a saber), nos deixa de respiração presa, imaginando-os sentados à conversa, sob um carvalho de bolotas amargas (não doces como as do sobreiro). Que lição, amigos! Que lição!...

Sim, de lição trata o conto seguinte, «O primeiro embate», do professor que vem ensinar a distinguir o bê alto do bê baixo e, por isso, nesse Maio de 1940, ele que fora «como o azeite que se deita na candeia» (confessava um aluno), foi expulso de Góis, por ser «um herege, um incréu, filho de conhecida família que não segue a situação...» (p. 26). A descrição das lições, que mimo de ternura e simplicidade!...

Bem, não devo continuar. Primeiro, porque é recensão esta, com intenção de incitar à leitura e mostrar como vale muito a pena ler o resto; segundo, porque esse resto eu não o devo revelar – o leitor que se maravilhe; terceiro, porque sentimos um nó na garganta à medida que a leitura prossegue: precisávamos de mais Fernandos Miguéis!

Muitos mais!

Gostava de haver tido a oportunidade de lho dizer pessoalmente.

José d'Encarnação